XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

FLORES DE XIMENES: BEM VIVER, AGROECOLOGIA E FEMINISMO NA MATA SUL PERNAMBUCANA.

Vívian Motta

vivian.motta@reitoria.ifpe.edu.br

Instituto Federal de Pernambuco-IFPE

Brasil

Raira Tavares

Raira_92_@gmail.com.br

Instituto Federal de Pernambuco-ifpe

Brasil

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a participação dos coletivos agroecológicos de mulheres rurais na construção do feminismo camponês e, como a introdução desse conceito vem contribuindo para a consolidação da agroecologia na região da Mata Sul Pernambucana. O texto tem como foco o assentamento Ximenes onde as mulheres são as protagonistas na construção da agroecologia e consequentemente levam a discussão de um feminismo camponês. Inicialmente, as atividades eram centradas apenas na esfera da produção de base agroecológica com o objetivo de gerar renda e emponderar as mulheres para participar dos espaços de comercialização. Mas, após a articulação com outros movimentos feministas (Marcha Mundial de Mulheres, Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais), a participação em espaços públicos de discussão e a auto organização, as camponesas que se denominam como "Flores de Ximenes", com muita coragem, passaram a compor uma das formas de representação política da comunidade.

Palavras chaves: desigualdade de gênero, agricultura familiar, organização popular

ABSTRACT

This article aims to reflect on the participation of agroecological collectives of rural women in the construction of peasant feminism and how the introduction of this concept has contributed to the consolidation of agroecology in the region of Mata Sul Pernambucana. The text focuses on the Ximenes settlement where women are the protagonists in the construction of agroecology and consequently lead to the discussion of a peasant feminism. Initially, the activities were centered only on the sphere of agroecological production with the objective of generating income and empowering women to participate in the commercialization spaces. But after articulation with other feminist movements (World March of Women, Movement of Rural Working Women), participation in public spaces of discussion and self organization. The peasants known as Flores de Ximenes, with great courage, began to form one of the forms of political representation of the community.

Keywords: gender inequality, family agriculture, popular organization

I-Introdução:

O assentamento Ximenes.

O assentamento Ximenes está localizado no município de Barreiros-PE, a cerca de 32km do campus do Instituto Federal de PE- Barreiros[1]. Criado a partir da junção de dois antigos engenhos de cana de açúcar (Roncador e Bombarda), a comunidade foi ocupada por agricultores que foram expulsos do município de Cabo de Santo Agostinho-PE, para a implantação do complexo de SUAPE[2]. Assim, tiveram que deixar suas casas, suas parcelas, seus cultivos para serem alocados em outro local onde a paisagem é composta apenas por cana e mata secundária.

Muitos, não receberam as indenizações prometidas e os que receberam alegam que os valores estão muito aquém do que possuíam quando moravam em Cabo de Santo Agostinho. Em Ximenes, não há estrada, escola, posto de saúde, energia e a maior parte das parcelas não possui moradia. A produção é pequena e as poucas moradias existentes são precárias. Feitas basicamente de pau a pique, sem banheiro e cobertas de telhas retiradas das antigas edificações do engenho.

Com base nessa realidade foi idealizado o projeto de extensão Agroecologia e feminismo: empoderamento das camponesas da Mata Sul. Visando contribuir para a melhoria da vida das mulheres e consequentemente de toda a comunidade e nesse artigo relatamos as vivências, vitórias e desafios que envolveram o desenrolar das etapas desse projeto.

Histórico e objetivo da experiência.

O projeto visa trabalhar a agroecologia vinculada ao feminismo através da vivência de um grupo de mulheres camponesas Flores de Ximenes. Nas formações, discutimos o que a era

[1] IFPE- Instituto Federal de Pernambuco. Os Institutos Federais são instituições públicas de ensino básico, técnico, superior e de pós graduação. Tem como princípio a indissiociabilidade da pesquisa, do ensino e da extensão além de grande capilaridade por possuírem campi em cidades do interior do país. (http://www.ifpe.edu.br/)

[2] Complexo industrial de SUAPE, responsável por grandes empreendimentos em Pernambuco dentre eles o porto de SUAPE e que foi responsável pela desapropriação de várias comunidades tradicionais. (http://www.pe.gov.br/orgaos/suape-complexo-industrial-portuario/

agroecologia, usando o filme "As Sementes"[3] e o depoimento das mulheres no vídeo foi marcante para as agricultoras de Ximenes. Elas firmaram o pacto com a agroecologia como base para a mudança da realidade do assentamento e formaram o grupo de mulheres. Novos momentos de formação vieram e o grupo foi se fortalecendo, reduzindo, aumentando, se moldando e com 10 agricultoras que escolheram o nome Flores de Ximenes.

Bárbara Lima, umas das flores, explica o porquê do nome escolhido "O nome Flores de Ximenes foi escolhido, porque queremos transformar nossa comunidade num lugar bom pra se viver, mas respeitando que cada uma é de um jeito. Temos flores mais delicadas, flores mais brutas…Mas, todas são flores né?" E com isso cada agricultora ganhou uma espécie floral para se identificar: temos flores de mel, rosas, margaridas, girassóis e abdicaram de parte da individualidade para se tornarem apenas flores. Nas formações são comuns as falas como a da Mônica que diz: "As flores querem ser respeitadas e mudar a realidade". Já Dona Sônia, sempre pergunta "Onde será a atividade? Vai ser no lote de qual flor?"

Tal grau de envolvimento mostra que o quanto o olhar feminista valorizou e mostrou o quanto essas mulheres podem mudar a realidade a sua volta, se articular em rede, crescer e mudar realidades que antes eram consideradas imutáveis no o assentamento Ximenes-Barreiros/PE.

O Grupo Flores de Ximenes e a Mata Sul:

Inicialmente as mulheres se uniram preocupadas com a segurança alimentar, já que as indenizações estavam sendo a base para a manutenção familiar. O IFPE, iniciou um trabalho vinculado a agroecologia, mas sempre trazendo o debate das desigualdades de gênero. Rapidamente, as agricultoras começaram a se apoiar na resolução de problemas e atualmente o grupo se une todas as quintas feiras para deliberar ações práticas e/ou política que melhorem as condições de vida na comunidade. Essas ações políticas são resultado das reflexões realizadas em grupo através das lentes dos feminismos. As agricultoras identificam, reconhecem e atualmente

[3] O documentário As Sementes, 2015, 30min, direção de Beto Novaes/UFRJ.

lutam contra as desigualdades ocupando espaços públicos dentro e fora da comunidade. Essa mudança não havia sido pensada nem por elas e nem pelas servidoras que acompanham o grupo, as mesmas estão se aproximando de coletivos já reconhecidamente feministas como a Marcha Mundial das Mulheres e o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais-Nordeste. A agroecologia é o terreno fértil onde as mulheres rurais se descobrem como sujeitos transformadores da ação a partir da materialidade da vida.

Pernambuco é um estado violento para as mulheres, a Mata Sul em especial tem uma contribuição destacada na aplicação desses dados. Saraiva e Rodrigues (2010) apresentam alguns dados sobre as consequências da desigualdade de gênero. Em relação a violência, o Brasil fica com a 10º posição em relação à violência contra a mulher em contexto rural e 12º na violência contra mulher em contexto urbano. Nesse universo destacam-se os estados de São Paulo Capital (urbano) e **Zona da Mata de Pernambuco (rural**). Os resultados apresentados corroboram a confirmação da hipótese de que a violência é um fenômeno de alta frequência nos lares brasileiros, presente nos mais variados contextos, reafirmando a necessidade de assistência e de Políticas Públicas para contextos rurais e urbano. Os autores ainda destacam mais dados referentes apenas **a Zona da Mata de Pernambuco**: Violência Psicológica (VP) 48,9%, Violência Física (VF) 33,7% e Violência Sexual 14,3% enquanto São Paulo Capital, Violência Psicológica (VP) 41,8%, Violência Física (VF) 27,2% e Violência Sexual (VS) 10,1%.

Foto1: Grupo Flore de Ximenes
Fonte: Rafaela Vasconcellos/2016

II. Marco teórico/marco conceptual

Agroecologia, feminismo e o movimento de mulheres:

O advento da união da agroecologia e do feminismo é algo recente, e vem adentrando os coletivos de mulheres rurais através dos olhares que giram em torno da agroecologia enquanto prática e movimento político. Esse olhar vem construindo a transformação dos coletivos, ecoando nos espaços públicos em um discurso que convoca as agricultoras para a construção de um feminismo camponês e de um feminismo popular.

Esse tem sido o caminho percorrido por diversos grupos de mulheres, um dos exemplos que acompanhamos e o grupo Flores de Ximenes, espaço onde 10 mulheres assentadas, a partir das dificuldades materiais que as impactam cotidianamente se uniram em torno da agroecologia e que agora avançam em busca de formação/conhecimento acerca do feminismo camponês e do feminismo popular. Esse interesse se mostrou a partir dos entraves que as mesmas enfrentam, vinculadas as desigualdades gênero e que impactam nas ações de implantação, fortalecimento e consolidação dos princípios agroecológicos na comunidade.

Existem diversos estudos sobre movimento sociais, mas poucas pesquisas que se concentrem nos movimentos de mulheres, número menor ainda quando consideramos as pesquisas relacionadas

com os movimentos de mulheres rurais que se vinculam a discussão dos princípios feministas visando a modificação da realidade social em que estão inseridas. São encontrados estudos ligados a situação das mulheres, mas o esse texto se propõe debater a participação política advinda da organização coletiva das mulheres rurais a partir da união da agroecologia e do feminismo.

Para definir o feminismo que estou relatando, descrevo a conceituação utilizada por Carmem Silva (2015):

> " (...) A movimentação das mulheres em confronto com a ordem, para seguir existindo, exigiu um pensamento subversivo, capaz de encontrar novas interpretações para si e para o mundo. Como movimento, ele pode ser compreendido pela sua longa trajetória de ações conflitivas ou pelas suas expressões particulares de organização, participação e ação pública em tempos e espaços determinados. Já como pensamento, o feminismo apresenta-se em várias vertentes, vinculadas ou não às suas distintas correntes teóricas. Ele alimenta projeto profissionais, de diferentes grupos e indivíduos que atuam em universidades, em governos, na mídia, em organizações não governamentais e em quaisquer espaços nos quais possa ser colocado em prática(...). (Silva, 2015)

Com foco na contribuição para a construção e consolidação da agroecologia, as mulheres vêm atuando a partir dos sistemas agroalimentares nas esferas do cotidiano, em que se estabelece o parâmetro do direito à alimentação saudável, produzida em consonância os ciclos da natureza, através de sistemas diversificados, respeitando os conhecimentos tradicionais. Mas, as mulheres rurais (assim como as agricultoras do grupo Flores de Ximenes) também vêm atuando fortemente na construção a agroecologia enquanto postura política afirmando a identidade coletiva de mulheres organizadas. Nesse sentido, o feminismo se une a agroecologia como promotor de um pensamento crítico da realidade a ser transformada.

Explicito a junção do feminismo com a agroecologia a partir do relato de Maria Emília Pacheco:

> "No plano nacional, foram outras tantas mulheres como elas que integraram o conjunto de mais de mil mulheres que foram ao III Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), em maio de 2014, em Juazeiro na Bahia, representando 50% dos participantes. Portadoras de diferentes identidades socioculturais (agriculturas familiares, camponesas, extrativistas, indígenas,

> quilombolas, pescadoras artesanais, ribeirinhas, faxinalenses, agricultoras urbanas, geraizeiras, sertanejas, vazanteiras, quebradeiras de coco, caatingueiras, criadoras em fundos de pasto, seringueiras) viajaram de várias regiões do país para mostras suas concepções e práticas em "cuidas da terra, alimentar a saúde e cultivar um futuro", lema do ENA. Propuseram avançar na construção social da agroecologia com a consigna: sem feminismo não há agroecologia!" (Pacheco, 2015)

Movimentos como o MMC[4] - Movimento de mulheres camponesas, movimento autônomo de mulheres que se faz presente no Brasil desde 1983, mas que se identifica como feminista a partir de 2010, usa a bandeira do feminismo camponês para marcar sua identidade. Na página oficial do MMC o movimento se define como feminista e coloca a agroecologia em suas bandeiras de luta.

O MMTR- Movimento das mulheres trabalhadoras rurais, em seu site e sua página oficial no facebook se define como um movimento feminista rural que luta pela agricultura orgânica. Na mesma página, o MMTR apresenta as organizações parceiras e muitas delas são construtoras ativas da agroecologia como o Centro Sabiá, a ONG de referência em PE.

Já o MST não se coloca como um movimento feminista quando apresenta sua estrutura no site oficial, mas a diretoria de direitos humanos divulga ações e formações ligadas a construção do feminismo camponês. No 13º Mundo das Mulheres & Fazendo Gênero, realizado em 2017 na cidade de Florianópolis, as lideranças femininas do MST juntamente com outros movimentos de mulheres do campo firmaram (quanto movimento) seu compromisso com a construção do o feminismo camponês durante a plenária dedicada as mulheres do campo.

As "Flores de Ximenes", vem atuando dentro dos princípios feministas, de maneira massiva e incisiva, mas não assumem ainda essa identidade. As agricultoras fazem campanha sobre as especificidades da saúde para as mulheres rurais, mantém uma vigilância sobre as violências que as companheiras sofrem dentro de casa, falam sobre igualdade de entre gêneros para as filhas e os filhos, passaram a compor a associação e levaram o discurso que as mulheres da comunidade tem

[4] Isaura Conte, líder do MMC e hoje componente da Via Campesina, afirma que o temor feminismo só aparece no MMC, durante as manifestações públicas, em 2010, NA 11º Assembleia do Movimento de Mulheres Camponesas, realizada na cidade de Xaxim-SC. (PAULILO, 2016)

que participar dos espaços de decisão. Essa atuação é de extrema importância, mesmo assim as mesmas não assumem a postura de feminista.

A proximidade com a academia trás o conhecimento do feminismo popular e do feminismo camponês, mas a distância entre a teoria apresentada e a materialidade do cotidiano faz com que as mesmas não se intitulem como feministas. A especificidades do feminismo camponês e a união com a agroecologia podem ser caminhos para entender as mudanças que os coletivos de mulheres estão passando e observar como essa nova postura mexe com o cotidiano das agricultoras familiares envolvidas.

Paulilo (2016) aponta em seu ensaio *Que feminismo é esse que nasce na horta?* a necessidade de aproximar o feminismo do universo rural, tão estudando enquanto unidade familiar, mas pouco observado com base nas desigualdades de gênero. Segundo Paulilo (2016), "Publicar um texto feminista em um dossiê sobre agricultura familiar é uma tentativa de aproximar essas duas áreas de estudo". Talvez a agroecologia seja o espaço do encontro, a ciência que se mostrou capaz de unir as diversas bandeira de luta das mulheres através da "fricção útil", aspecto explicado pelo conceito da "transmodernidade" construído por Rodríguez Magna (2007).

Analisando as diversas vertentes feministas, temos o feminismo da diferença que em sua vertente mais radical (trabalhado por Pamela Abbott, Clarice Wallace) coloca a agricultura como um entrave. Afirma que existiram sociedades matriarcais justas e que descoberta da agricultura criou o sedentarismo e esse por sua vez a reduziu o universo feminino. Para as mulheres rurais a descoberta da agricultura é justamente um trunfo, pois é nela que se alimenta a vida através do conhecimento dos ciclos de natureza, esse permite a reprodução ligando as mulheres ao poder de ter o conhecimento essencial para a manutenção do sistema.

O "feminismo da igualdade" busca a igualdade entre os gêneros desfocando da diferença natural entre homens e mulheres, para essa vertente a aceitação dessa diferença essencial enfraquece o discurso da luta. Já o MMC, defende a proposta que as mulheres são essencialmente diferentes dos homens e que essa diferença se expressa nas suas práticas diárias, atribuindo as mulheres uma sabedoria construída a partir do contato com a natureza e com a espiritualidade. Segundo Paulilo

(2016), autoras como Vandana Shiva e Maria Mies são as que mais se aproximam do discurso do feminismo camponês. A mesma autora descreve como muitas estudiosas enxergam essa questão:

> "A influência do pós-modernismo e da ideia de desconstrução aumentou muito, nos últimos anos, entre as feministas acadêmicas, mas mesmo não aconteceu com as militantes dos movimentos como o MMC. Contribuiu também, para isso, a passagem da denominação "estudos da mulher" para "estudos de gênero"(...). É um duro exercício para nós, feministas com forte influência desconstrucionistas analisar, sem preconceitos, o essencialismo do MMC". (Paulilo, 2016)

A meu ver, esses desconfortos são gerados pelo fato da academia não conseguir abarcar todos os pontos debatidos pelas mulheres rurais na construção de um feminismo que é vinculado mais a prática da vida do que com as análises teóricas. As camponesas constroem as práticas feministas sem conhecer necessariamente a teoria feminista.

2. Que feminismo?Que agroecologia?

Existem vários conceitos de agroecologia. Utilizei a definição descrita por Sevilla Guzmán (2006), para nortear as análises sobre o tema.

> "Agroecologia é uma ciência e, por outro, a um movimento social, reunindo uma visão holística e um enfoque sistêmico. Não se trata apenas de uma forma de praticar agricultura, nem tão somente ao uso de tecnologias que não agridam ao meio ambiente. Sua proposta é, sobretudo, a partir da agricultura familiar romper com o modelo hegemônico de desenvolvimento rural baseado no monocultivo, no latifúndio, no agronegócio que formam a base do modelo capitalista de desenvolvimento rural gerador de exclusão social". (Guzmán, 2006)

Até pouco tempo atrás, todo o debate social da agroecologia estava centrado na família camponesa e poucas eram as/os pesquisadoras/es que observavam a situação das mulheres rurais. O debate começou a mudar a partir da contribuição trazida pelos estudos do trabalho rural, deslocando o olhar para a atuação das mulheres e desocultando a invisibilidade da importância do feminino para a manutenção e fortalecimento da agricultura familiar.

Ferreira & Mattos (2017), afirmam que a união da agroecologia e do feminismo se deu através da inserção do debate do feminismo urbano nas organizações que já trabalhavam com a agroecologia e

concomitantemente inserção do debate agroecológico no interior dos movimentos que atuavam no feminismo urbano. Particularmente, não acredito que esse tenha sido o caminho. Atuando em organizações vinculadas ao feminismo urbano vejo o quanto é difícil debater as especificidades do rural nesse universo. Também, fico refletindo quais seriam as organizações agroecológicas que possuem as características para iniciar essa união. O texto não cita quais são essas organizações, me pego pensando que talvez a pesquisa se refira organizações ligadas a ATER (assistência técnica e extensão rural) onde atuei por mais de uma década e que certamente não tem investido no debate dos princípios feministas.

As organizações agroecológicas têm um longo trabalho com as mulheres, mas isso não tem necessariamente um vínculo com os princípios feministas. Também com base nas minhas observações e estudos, vejo que as mulheres ao escolher a agroecologia sofrem uma violência que antes não fazia parte do seu cotidiano. São constantemente chamadas de "loucas", por propagar novas formas de produção, caracterizadas como "desocupada", "péssimas mães", "péssimas esposas" por ocuparem o espaço público através da participação nos coletivos. Constantemente a militância leva a conflitos familiares principalmente com os maridos que demoram a aceitar as novas atribuições. Para as mulheres, a escolha pela agroecologia é um processo de muitas cobranças e o feminismo é uma lupa que amplia e mostra, além de outras desigualdades, a violência trazida pelo comprometimento com esse caminho.

Mesmo com os entraves e com o vínculo tardio com o feminismo, ao estudar esse processo poderemos observar que as agricultoras agroecológicas antes vistas como mulheres que precisavam ser "conscientizadas" da sua importância estão na verdade contribuindo para a construção de novas e inovadoras relações sociais.

III. Metodología

Considerando a complexidade do problema apresentado, recorremos a pesquisa qualitativa como caminho para a realização desse estudo, buscando na etnometodologia as ferramentas que possibilitarão a compreensão das informações encontradas. Harold Garfinkel citado por Haguette (1987:43-44) define etnometodologia como:

> "Etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como elas as tornam visíveis, racionais e reportáveis, ou seja, como eles as consideram válidas, uma vez que a reflexidade sobre o fenômeno é uma característica singular da ação. Os estudos sobre o enfoque da etnometodologia, consequentemente, são dirigidos para a tarefa de detectar como as atividades ordinárias dos indivíduos consistem de métodos para tornar analisáveis as ações práticas, as circunstâncias, o conhecimento baseado no senso comum sobre as estruturas sociais e o raciocínio sociológico prático, assim como de entender suas propriedades formais vistas "de dentro" dos ambientes, como parte integrante do próprio ambiente. Em outras palavras a etnometodologia procura descobrir os "métodos" que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade a fim de construir a realidade social: procura descobrir também a natureza da realidade que elas constroem "

A pesquisa que trabalhamos no projeto, visa olhar sob perspectiva pós-colonial, aportados na teoria do Bem Viver[5], os interesses de pesquisa estão focados nas ações, posições e conhecimentos construídos pelas agricultoras do grupo de mulheres em seu lugar de atuação. Exploramos os conceitos ligados a forma pela qual, elas como sujeitos sociais produzem, reproduzem e difundem seus saberes agroecológicos. Assim, ao tipo de investigação que optamos pela pesquisa-ação, que já vem sendo realizada, desde o nascimento deste proposta. Quanto à pesquisa-ação, o grupo se baseia em Michel Thiollent (2005). Destaque-se que nesse tipo de investigação, os sujeitos investigados também fazem parte da construção do projeto de pesquisa, pois toda pesquisa-ação é do tipo participativo. Thiollent (2011) afirma que esse tipo de pesquisa é um tipo de pesquisa social com base empírica. Segundo o autor, ela é executada por meio de uma ação/resolução de um problema coletivo. Tanto os investigadores quanto os participantes que representam a situação estão envolvidos na cooperação. O convívio intenso com as Flores de Ximenes gera um diálogo contínuo que exige uma escuta profunda atenta. Essa abordagem nos deu a possibilidade de utilizar uma gama imensa de ferramentas metodológicas: história de vida, registros fotográficos, revisão de materiais documentais, observação participativas da atuação das "Flores" nos espaços públicos

[5] O Bem Viver é uma concepção econômica, social, ambiental e cultural contrária ao conceito de desenvolvimento. Este surge como proposta global e unificadora que se apresenta como meta a ser atingida pela Humanidade. Tratase de um estilo de vida consumista e predador dos seres, que gera desequilíbrio ecológico, social e cultural (ACOSTA, 2011).

(reunião da associação, evento académicos, evento feministas) e até um documentário[6] que foi lançado em outubro de 2016 destacando que sua primeira exibição no próprio assentamento Ximenes.

Foto2: participação das "Flores de Ximenes" no encontro estadual da Marcha Mundial das Mulheres
Fonte: MMM/2016

IV. Análise e discussão dos resultados.

O projeto iniciou envolvendo 25 mulheres, onde o vínculo com as religiões ligadas ao movimento pentecostal contribui para o afastamento de 15 agricultoras. Em entrevista com 3 camponesas que deixaram o grupo, nos foi relatado que os canticos, a temática feminista (vista como sexual) e o

[6] Documentário Flores de Ximenes produzido pela ASCOM do IFPE onde as agricultoras do grupo Flores de Ximenes contam suas histórias e seus anseios. Disponível no youtube: https://www.youtube.com/watch?v=MdUVq4OVNL8.

incentivo para acessar o espaço público não eran consideradas adequadas para mulheres cristãs. Já os homens, nos relatam que o grupo não estava ofertando vantagens, pois não estava trazendo dinheiro para os lotes. Após essa queda brusca nas praticipações, o coletivo se formou com 10 mulheres que vem se mantendo comprometidas com as ações, fortalecendo o grupo a cada dia.

Inicialmente era demanda das agricultoras que o IFPE trabalhasse apenas a agroecologia, mas a instituição auxiliou na construção e/ou inserção do grupo em uma rede que envolve núcleos de agroecologia, grupos feministas, outros coletivos de mulheres, coletivos de experiências agroecológicas. Essa rede abriu o olhar para muitas outras oportunidades e como é fundamental para a conquista do "Bem Viver" que as mulheres visualizem sua realidade desigual e seu papel nas mudanças da relações, esses olhares foram trabalhados principalmente pela MMM-Marcha Mundial das Mulheres e pelo MMTR-Movimento das trabalhadoras rurais/Nordeste.

Os novos olhares influenciaram nas relações dentro de casa, as "Flores" começaram a questionar as relações de gênero existentes dentro dos próprios lares, depois começaram a intereferir na associação (hoje as 10 mulheres são sócias da associação) e agora montaram uma chapa e venceram a diretoria da associação que representa todas e todos assentadas/assentados da comunidade.

Também ocuparam o espaço acadêmico, entrando no IFPE para ministrar aulas, participando de eventos onde o documentário Flores de Ximenes era (e ainda é) utilizado como fomento para as discussões em rodas de diálogo. Ao todo participamos de 15 eventos locais, 3 eventos regionais e 2 eventos nacionais sempre privilegiando o protagonismo das agricultoras no ato de contar a própria história.

Analisando o discursos das camponesa, verificamos que a desenvoltura no falar, em articular as idéias e a firmeza nas análises configuram grandes avanços, Antes, mulheres que tinham um comportamento submisso aos maridos, agora, falam sobre a importância fundamental das mulheres para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Hoje o grupo tem projetos mais ousados, elas cotinuam atuando no desenvolvimnento dos sistemas agroflorestais como forma de manter o equilibrio na produção dos sistemas agroalimentares, mas pensam em formalizar o grupo, trabalhar com bioconstrução para edificar um centro de formação e recepção de visitantes, 2 agricultoras estão se preparando para cursar o curso superior em

Agroecologia ofertado pelo IFPE- Campus Barreiros, planejam comercializar cestas agroecológicas de forma direta, buscar de formoa organizada a presença do estado, lutam pela melhoria das condições de vida nas comunidades da Mata Sul e também querem o fim do machismo e do patriarcado. Lutam conscientes por causas que antes impactavam negativamente nas suas vidas, mas que agora, para as Flores de Ximenes, não são mais atitudes normais.

Figura3: Exibição do documentário Flores de Ximenes no assentamento Ximenes
Fonte: Rafaela Vasconcellos/2016

V. Conclusões

Concluímos, que o projeto foi um espaço importante para a reflexão do papel das mulheres na comunidade Ximenes e sobre o ser mulher na sociedade atual, essa reflexão levou a mudanças de atitudes,ao questionamento da realidade e a transformações práticas no modo de viver das pessoas envolvidas. Certamente, o projeto não causou tais mudanças, as agricultoras e suas familias são protagonistas nas melhorias alcançadas, nós do IFPE atuamos como motivadoras, catalisadoras e articuladoras acabando com o isolamento, inserindo o grupo Flores de Ximenes em uma rede.

O projeto reafirma o papel social das insituições de ensino, pesquisa e extensão brasileira, questiona o papel de cada pessoa dentro da construção de uma ação de pesquisa e reafirma que não há hierarquia de conhecimentos quando o objetivo é a transformação social.

VI. Bibliografía

ALTIERI, M. Agroecologia: bases cientificas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CINELLI, C; CONTE, I.I. Mulheres Camponesas construindo sua identidade feminista. Fazendo Gênero-Diásporas, Diversidade, Deslocamentos. Florianópolis, 2010

FERREIRA, A. P. L.; MATTOS, L.C. Convergências e divergências entre o feminismo e a agroecologia. Cienc. Cult. vol.69 no.2 São Paulo Apr./Jun. 2017.

GARFINKEL, H. O que é etnometodologia? In: _____. Studies inethnomethodology. Cambridge: Polity Press, 1996 [1967]. Cap. 1. p. 1-341.1

HAGUETTE, T.M.F. Metodologias qualitativas na sociologia . Petrópolis: Vozes, 1987.

INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO, Documentário Flores de Ximenes, acessado em 22/08/2017: https://www.youtube.com/watch?v=MdUVq4OVNL8.

MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS-NORDESTE, Livro de comemoração de 25 anos do movimento. Pernambuco,2012.

ORLANDI, E.;LAGAZZI-RODRIGUES,S. (Orgs).Discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006

PAULILO, M.I.S. Que feminismo é esse que nasce na horta? Sociedade &Política- Florianópolis. Vol 15- Edição especial, 2016.

PERROT, M. As mulheres ou os silêncios da história. (Tradução de Viviane Ribeiro) São Paulo: Edusc, 2005.

SEVILLA GUZMÁM, E. De la sociología rural a la agroecología. Córdoba: Icaria Editorial, 2006.

SILVA, C.S.M. Feminismo popular e as lutas antissistêmicas. Edições SOS Corpo. Recife, 2016.

SILLIPRANDI, E. As mulheres e a agroecologia- Transformando o campo, as florestas e as pessoas. Editora UFRJ.2015 - p.11-57 PACHECO, M.E. Apresentaçao in: Siliprandi, Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio